

A construção do Brasil como projeto de Estado-Nação, ao longo da nossa história, foi geralmente fundamentada em projetos de exclusão social, concentração de renda e propriedade, domesticação e aniquilação de corpos não brancos e desqualificação de saberes plurais em nome de um projeto civilizatório eurocêntrico.

Ao mesmo tempo, nas frestas do muro de exclusão que começa a ser erguido nos tempos coloniais e, em larga medida, permanece, o povo brasileiro – em toda a sua diversidade – elaborou meios originais de inventar a vida onde aparentemente só a morte deveria triunfar. Dentre essas formas, estão as variadas maneiras de cultuar a ancestralidade que fundamentam a codificação da umbanda em diversas perspectivas e ramificações.

A umbanda nos ensina sobre as conexões existentes entre o mundo material - visível, palpável - e o invisível. O mundo material é composto pelas pessoas e o que as cercam: águas, pedras, folhas, bichos, árvores, ruas, esquinas, encruzilhadas, bebidas, comidas etc. No invisível moram os ancestrais, encantados, espíritos desencarnados, entidades que interagem com aquilo que se vê e se conectam de diversas formas com os vivos, através do transe, da música, da dança, da vibração dos orixás, do poder curativo presente nos banhos de folhas e nas fumaças dos cachimbos das pretas e pretos velhos.

Estudos mais recentes sobre as umbandas ressaltam cada vez mais a forte conexão da religião desenvolvida no Brasil com as ritualísticas africanas e indígenas – bases fundamentais das práticas umbandistas - entrecruzadas por influências do cristianismo popular, das magias ciganas, do espiritismo europeu. A Umbanda é filha da encruzilhada, o lugar em que pluralidades se encontram e a vida se movimenta com o espanto e a beleza daquele que, no cruzamento dos caminhos, profana o sagrado e sacraliza o profano para dar sentido ao mundo manifesto na rua: Exu.

A partir desses elementos, os trabalhos de Bruno Miguel que compõem essa exposição ganham contornos que desafiam, driblam, subvertem os projetos de exclusão do Brasil oficial em nome da força espantosa das brasilidades encantadas. Interferindo em tapeçarias com personagens, cenas e ambientes europeus, e trazendo para a arte-gira orixás, guias, encantados, caboclos,

malandros, pombagiras, carnavais, tambores, flechas, cocares; o artista celebra a sofisticação de saberes e modos de vida que dão uma rasteira no racismo estrutural, na colonialidade, nos projetos de branqueamento físico, espiritual, artístico e filosófico.

O contrário da vida, para as sabedorias e espiritualidades afro-indígenas, não é a morte; é o desencanto. O contrário da morte não é a vida; mas o encantamento. Neste sentido, há mortos muito mais vivos do que os vivos; há vivos mais mortos do que os mortos. Em larga medida, é isso que as obras aqui expostas sugerem e desafiam, como celebrações encantadas do mistério e da permanência daquilo que, contra o horror colonial, o Brasil pode ser.

Luiz Antonio Simas